

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ARQUIVOS SULEADOS: ENTRE PARADIGMAS E PRÁTICAS COMUNITÁRIAS

SULEADED ARCHIVES: BETWEEN PARADIGMS AND COMMUNITY PRACTICES

Priscilla Gomes de Araújo – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Gracy Kelli Martins – Universidade Federal do Cariri (UFCA)/

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo adota uma abordagem decolonial para discutir a atuação dos arquivos comunitários, com foco nas suas implicações sociais e epistemológicas. Utilizando uma metodologia transdisciplinar e revisão bibliográfica, a análise articula as discussões teóricas da Arquivologia Crítica e do Paradigma Intercultural-anticolonial, focando nas práticas arquivísticas e nas produções de conhecimento sobre acervos de comunidades historicamente marginalizadas. O trabalho discorre sobre como os arquivos comunitários operam como espaços de resistência, cuidado e construção de narrativas plurais, tensionando as noções tradicionais da arquivística. A discussão revela que, ao se afastarem dos modelos institucionais hegemônicos, essas revisões teóricas possibilitam repensar as funções sociais dos arquivos e suas relações com a memória e a justiça social. Destaca-se ainda que esse movimento não se limita aos arquivos comunitários, mas também oferece subsídios teóricos para visitar criticamente outras tipologias arquivísticas reconhecidas institucionalmente. As considerações finais apontam que o diálogo entre paradigmas críticos na área contribui para a expansão de uma Arquivologia comprometida com a transformação social, a pluralidade de saberes e a reparação histórica de sujeitos e memórias marginalizados.

Palavras-chave: arquivos comunitários; arquivologia crítica; paradigma intercultural-anticolonial.

Abstract: This study adopts a decolonial approach to discuss the role of community archives, focusing on their social and epistemological implications. Using a transdisciplinary methodology and bibliographic review, the analysis articulates the theoretical discussions of Critical Archival Science and the Intercultural-Anticolonial Paradigm, focusing on archival practices and the production of knowledge about the collections of historically marginalized communities. The work discusses how community archives function as spaces of resistance, care, and the construction of plural narratives, challenging traditional notions of archival science. The discussion reveals that, by moving away from hegemonic institutional models, these theoretical revisions enable a rethinking of the social functions of archives and their relationships with memory and social justice. It is also highlighted that this movement is not limited to community archives but also provides theoretical insights for critically revisiting other types of archives recognized institutionally. The final considerations point out that the dialogue between critical paradigms in the field contributes to the expansion of an Archival Science committed to social transformation, the plurality of knowledge, and the historical reparation of marginalized subjects and memories.

Keywords: community archives; critical archival science; intercultural-anticolonial paradigm.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa trilha caminhos de discussões iniciais e tem a pretensão de aproximar os novos paradigmas da Ciência da Informação (CI) e da Arquivologia, que se consolidam em resposta às demandas sociais por reconhecimento de registros, informações e narrativas silenciadas, oriundas de grupos atravessados pelos marcadores sociais da diferença. A discussão tem como base teórica o paradigma intercultural-anticolonial e os estudos da Arquivologia crítica, aplicando-os ao contexto dos arquivos comunitários na perspectiva decolonial.

O paradigma intercultural, com vistas aos paradigmas que garantem a cientificidade da Ciência da Informação, é proposto por Natalia Duque-Cardona (2020), na busca por alternativas não hegemônicas e decoloniais que fundamentem os estudos culturais e das epistemologias do Sul, baseado no conhecimento local, contextualizado e em sintonia com a história e a memória latino-americana, nos estudos informacionais.

A Arquivologia crítica fundamenta-se na teoria crítica da Escola de Frankfurt, bem como em outras teorias críticas, como os estudos de raça/etnia, feminismo, teoria queer e decolonialidade. Essas bases teóricas possibilitam refletir sobre as ações da Arquivologia contemporânea, especialmente no que se refere às funções arquivísticas, aos princípios e aos conceitos da área, com o propósito de transformar teoria e prática em contraposição a contextos de dominação, com vistas a promover a inclusão social nas perspectivas de produção, gestão e uso dos documentos de arquivo relacionados a grupos marginalizados.

No contexto conceitual, os arquivos comunitários são organismos que abraçam a aplicabilidade dessa discussão. São espaços que podem viabilizar a emancipação de novos fazeres teóricos e práticos na Arquivologia, que contemplam o aprofundamento dessas práticas inclusivas, sob uma epistemologia decolonial.

Essas temáticas ainda são pouco exploradas na literatura científica brasileira, sobretudo em suas inter-relações. Nesse contexto, buscamos responder à seguinte indagação: Como o paradigma intercultural-anticolonial da Ciência da Informação e os estudos da Arquivologia crítica podem contribuir para a consolidação de práticas decoloniais em arquivos comunitários?

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Para tanto, nosso objetivo geral consiste em discutir a integração transdisciplinar desses paradigmas no âmbito dos arquivos comunitários. O estudo é de natureza qualitativa, do tipo exploratório, e fundamenta-se em uma revisão bibliográfica, examinando, na literatura especializada, os temas centrais aqui investigados e suas conexões. Como base teórica, adotamos epistemologias e perspectivas críticas emergentes do Sul global.

2 RECONHECIMENTO DOS CAMINHOS PARA O SULEAMENTO

Conforme amplamente reconhecido, a Ciência da Informação consolidou-se como um campo científico emergente no período pós-Segunda Guerra Mundial, caracterizando-se por abranger os procedimentos envolvidos no ciclo de vida da informação — da produção ao processamento, armazenamento, disseminação, acesso e uso — com vistas à geração do conhecimento (Saracevic, 1996). No entanto, para Araújo (2014), a Ciência da Informação é considerada uma disciplina quando a informação tem suas características e comportamentos explorados, assim como as dinâmicas que regem os fluxos informacionais e de significados, visando à promoção do acesso e da utilidade, uma vez que a informação está inserida na ação humana e nos contextos socioculturais.

Neste percurso de consolidação da cientificidade da CI, definem-se correntes paradigmáticas. Capurro (2003) afirma que o campo surge sob a vigência do paradigma físico, influenciado pela Teoria Matemática da Comunicação, em que a informação é concebida como um objeto físico, transmitido de um emissor para um receptor. Dentro desse percurso, o autor apresenta mais dois paradigmas que têm acompanhado o desenvolvimento da CI: o cognitivo, que relaciona informação e conhecimento a partir da abordagem cognitivista; e o paradigma social, com foco na constituição social dos processos informacionais.

Em contrapartida, no contexto de transformação das estruturas do fazer científico e da ruptura com paradigmas tradicionais — marcados pela branquitude patriarcal, heteronormativa e colonizadora —, emergem novos paradigmas impulsionados por questionamentos epistemológicos que desafiam essas hegemonias (Kuhn, 1998). Os padrões até então vigentes na Ciência da Informação já não correspondem às exigências das atuais revisões disciplinares, históricas, culturais e sociais que envolvem os processos de circulação da informação em seus diversos modos de registro.

Nesse sentido, a proposta de *sulear* as discussões teóricas em Arquivologia e na Ciência da Informação parte do entendimento de Marcio D'Olne Campos (1991 *apud* Campos, 2019,

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

p. 01), que propõe o termo como um posicionamento crítico frente às marcas deixadas pelos processos de colonização e subalternidade vivenciados pelas “populações do que se costumava chamar de terceiro mundo, subdesenvolvidos (ou em vias de desenvolvimento), subalternos e populações nativas que vivem de subsistência”.

Ao cunhar o termo *sulear*, Campos (2019) problematiza e se contrapõe à hegemonia implícita no verbo *nortear* — associado ao que está acima, superior, como centro de orientação — e propõe, contra hegemonicamente, o reconhecimento do Sul como espaço legítimo de produção de conhecimento. *Sulear* implica valorizar e dar visibilidade às epistemologias do Sul, desafiando a lógica dominante da episteme eurocêntrica, que toma o Norte como referência universal, independentemente do hemisfério.

No campo da Arquivologia, a produção documental, as funções arquivísticas e os princípios que a orientam são construções teóricas e práticas que foram constituídas e norteadas sob a influência do positivismo hegemônico europeu e norte-americano, o que suscita uma revisão *suleada*.

Mais recentemente, na Ciência da Informação, emerge o paradigma intercultural, proposto por Natalia Duque-Cardona (2020), que busca alternativas não hegemônicas e decoloniais, fundamentadas nos estudos culturais e nas epistemologias do Sul, com base no conhecimento situado, contextualizado e em sintonia com a história e a memória latino-americana. Para a autora este paradigma, admite

[...] más que reinventar, observar con un lente diferente al que se usa habitualmente, dando lugar a otros saberes, epistemes y discursos, los cuales permiten ampliar la mirada sobre la información, por ejemplo, en términos de producción y transferencia de saberes locales (Duque-Cardona, 2020, p. 65).

Quatro anos após a formulação inicial do paradigma intercultural, Duque-Cardona (2024, p. 6) afirma que ocorreu uma “microevolução” no campo, marcada pela ampliação da discussão em torno do elemento decolonial. Esse avanço possibilitou um afastamento das estruturas tradicionais de produção do conhecimento nos contextos acadêmicos e a criação de novas bases epistemológicas. Nesse processo, a autora renomeia sua proposta como paradigma intercultural-anticolonial, ao reconhecer que “em nenhum caso a academia devia ostentar e validar em seus conceitos consolidados os temas que já ocorreram no mundo social, mas sim aprender, crescer e dialogar com eles” (Duque-Cardona, 2024, p. 6). No âmbito da Ciência da Informação, esse paradigma fundamenta-se em princípios como “autonomia e horizontalidade, apoio mútuo, associação voluntária, igualdade e solidariedade” (Duque-

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Cardona, 2024, p. 7).

Os estudos críticos, ancorados na Teoria Crítica e em suas diversas vertentes — como os estudos de raça, feministas, queer, pós-coloniais e decoloniais —, contribuem para o desenvolvimento e a consolidação da Arquivologia crítica. Max Horkheimer, teórico da Escola de Frankfurt, afirma que a Teoria Crítica visa compreender criticamente todas as práticas sociais, expõe os erros da sociedade e possibilita a identificação de pessoas que estejam habilitadas para realizar a mudança social, através de práticas que atinjam objetivos tangíveis, que viabilizem transformar a sociedade em “democracia real” (Horkheimer, 1982, p. 250).

Caswell, Punzalan e Sangwand (2017, p. 2, tradução nossa), definem os estudos arquivísticos críticos como “aquelas abordagens que (1) explicam o que é injusto no estado atual da pesquisa e da prática arquivística, (2) postulam objetivos práticos para como essa pesquisa e prática podem e devem mudar, e/ou (3) fornecem as normas para tal crítica”. Assim, inferem que os estudos críticos arquivísticos são emancipatórios por natureza, com a finalidade de transformar a prática arquivística e a sociedade. Complementam ainda que, no campo acadêmico e profissional, os estudos críticos ampliam as orientações que estão centradas na prática, construindo uma visão crítica dos objetivos dos arquivos na construção de conhecimento e identidade, sob a diversidade de narrativas.

Em sua essência, a teoria crítica nos oferece uma análise do poder em todas as suas formas, fundamental para a compreensão do contexto da criação documental, das funções arquivísticas, da formação de instituições arquivísticas, do alcance, uso e defesa arquivística, de quem se torna arquivista, como e por que, e de como definimos, ensinamos e praticamos conceitos fundamentais. (Caswell; Punzalan; Sangwand, 2017, p. 3, tradução nossa).

No entanto, as transformações não devem ser apenas na prática arquivística, mas também nas teorias que orientam tais práticas. Caswell e Cifor (2016, p. 24, tradução nossa) propõe nesse contexto, “[...] uma abordagem contrastante, inspirada pela ética feminista, que se concentra na empatia radical e nas obrigações de cuidado [...]”, direcionando as ações arquivísticas em quatro tipos de relações afetivas: entre arquivistas e as pessoas produtoras de documentos; entre arquivistas e a pessoas que estão representadas nos documentos; entre arquivistas e as pessoas usuárias dos documentos; e entre arquivista e as comunidades.

Tendo por perspectiva o paradigma intercultural-anticolonial na Ciência da Informação e a Arquivologia crítica — também caracterizada como paradigma, em virtude da ruptura com o pensamento e do fazer científico da Arquivologia —, observa-se um giro científico nessas áreas, motivado pela urgência de mudança de atuação, em consonância com o contexto social

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

em que estão inseridas. O objeto desses campos, a informação, é o que nutre tal virada paradigmática, por meio do epistemicídio (Carneiro, 2005), distanciando-se dos valores tecnicistas e positivistas até então presentes nessas áreas.

Nestes termos, na Ciência da Informação, percebe-se que há uma produção crescente de pesquisas feitas na e sobre a América Latina, alinhadas às teorias críticas — o que ainda se apresenta embrionário na Arquivologia no território *Abya-Yala*¹. No campo científico da Arquivologia, os estudos críticos têm sido amplamente discutidos na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos; no entanto, ainda se apresentam incipientes, particularmente no Brasil. Tal constatação se confira ao observarmos a produção científica nacional, que se mostra inexpressiva ou mesmo nula, conforme levantamento realizado no primeiro semestre do ano de 2025 em bases de dados como a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), a Base de Dados em Arquivística (BDA) e na Pesquisas Arquivísticas Brasileiras (PAB), os seguintes temas: “teoria crítica” AND “arquivologia/arquivística”, “decolonialidade” AND “arquivologia/arquivística”, e “arquivos comunitários” AND “arquivologia/arquivística”. Com os termos combinados, nenhum resultado foi alcançado.

A aproximação destas discussões paradigmáticas em ambas as áreas fortalece as narrativas silenciadas, evidencia povos tradicionais, comunidades originárias e pessoas historicamente excluídas das representações informacionais e da organização do conhecimento. As discussões perpassam para uma possível desconstrução de vieses preconceituosos e de combate às reproduções tendenciosas (Miranda, 2019; Garcez; Sales, 2021). As violências epistêmicas e as injustiças sociais, fomentadas pelas lógicas hegemônicas e colonizadoras, precisam ser enfrentadas e fortalecidas nos campos (Garcez; Sales, 2021) que possuem a informação como objeto.

Os estudos decoloniais, também situados sob a égide dos estudos críticos, relacionados com a pós-colonialidade, e com os temas de abordagem feminista, étnico-raciais, LGBTQIAPN² e dos povos e comunidades tradicionais e originárias. Com isso, a informação

¹ Na língua do povo Kuna, “Abya” significa Terra e “Yala” madura, viva ou em florescimento. Abya-Yala é utilizada como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América, nome dado pelos colonizadores europeus. É um processo de construção político-identitário de descolonização do pensamento, ressignificando o movimento dos povos originários. Sua utilização reforça o enfrentamento da hegemonia colonizadora imposta pelas epistemologias do Norte, afirmando, utilizando e evidenciando as epistemologias do Sul (Porto-Gonçalves, 2016).

² A sigla tem como significado: L - Lésbicas, G - Gays, B - Bissexuais, T - Transgêneros, Q - Queer, I - Intersexo, A - Assexuais, P - Pansexuais, N - Não-binários e o sinal + refere-se a inclusão de outras expressões de gênero não

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

passa a ser considerada a partir de outras perspectivas, significativamente distintas daquelas tradicionalmente adotadas. Nesse sentido, repensar os arquivos torna-se central no debate, uma vez que, historicamente, seus processos e narrativas pouco incorporaram os saberes e as vivências dos grupos marginalizados.

Também sob a perspectiva decolonial, esta pesquisa evidencia a necessidade de uma atividade teórico-crítica voltada à revisão das teorias que orientam as práticas arquivísticas, adotando estudos e pesquisas latino-americanas como contrarresposta à hegemonia colonialista imposta em nossas vidas, costumes, pensamentos e produções. Essa hegemonia tem, historicamente, apagado formas de construir conhecimento e identidade baseadas em nossos antepassados, que resistiram aos padrões de poder coloniais. Assim, a busca por diferentes formas de saber e de produção de conhecimento rompe com a lógica unicista e capitalista do mundo, abrindo caminho para uma abordagem mais diversa e plural.

3 DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS NA ARQUIVOLOGIA CONTEMPORÂNEA

A Arquivologia e a Ciência da Informação são áreas historicamente influenciadas pela lógica colonialista, pelo pensamento moderno, pela epistemologia universalista e pelo imperialismo positivista. Essa influência se evidencia na predominância ocidental dos discursos científicos, jurídicos e políticos (Sparemberger; Damázio, 2016 *apud* Lima; Almeida, 2019). Consequentemente, a classificação, a organização e a representação da informação e do conhecimento, bem como a produção documental e as funções arquivísticas, carregam, em seus fundamentos teóricos e práticos, essa mesma lógica colonial.

Na Ciência da Informação, com o paradigma social, e na Arquivologia, com o paradigma pós-custodial, o aporte teórico-prático passa a se voltar para a sociedade e seus indivíduos, mas ainda preserva traços colonialistas. Os novos paradigmas aqui destacados e relacionados propõem avançar criticamente, rompendo com costumes, tradições e hegemonias coloniais. Em contrapartida, evidenciam costumes, culturas, identidades, narrativas e vozes silenciadas, que seguem sub-representadas nos ambientes informacionais, na perspectiva da justiça social.

Na Museologia, área correlata à CI, as discussões teórico-críticas sobre os espaços museais estão mais consolidadas, marcadas por uma virada decolonial a partir dos anos 1970,

especificadas nas letras ou para as pessoas que não se reconhecem no padrão cis e heteronormativo (Pinto Junior; Santos Neto, 2023).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

a exemplo do reconhecimento dos ecomuseus. Esses espaços propõem uma abordagem descentralizada e comunitária das narrativas e da preservação, em que a própria comunidade é protagonista na construção, gestão e interpretação do patrimônio. Dessa forma, os ecomuseus desafiam as perspectivas coloniais tradicionais, promovendo uma valorização das identidades locais e das narrativas comunitárias, muitas vezes marginalizadas pela mentalidade colonial presentes na constituição dos museus tradicionais (Brulon, 2020).

De acordo com Elisa Machado (2009), na Biblioteconomia, é em meados dos anos de 1970 que o conceito de bibliotecas comunitárias se apresenta na literatura da área, e marca uma discussão descentralizada dos espaços formais das bibliotecas. As bibliotecas comunitárias nascem do engajamento das comunidades, sendo fruto do esforço coletivo de pessoas que compartilham o desejo de modificar a realidade em que vivem. Em geral, estão situadas em regiões periféricas, onde o acesso a equipamentos culturais é limitado ou inexistente, seja por fatores geográficos, seja por contextos de vulnerabilidade social.

Porém, não há intenção de estender o debate para estes outros espaços informacionais. O foco desta reflexão recai sobre a Arquivologia, especialmente nas abordagens voltadas aos arquivos comunitários, compreendidos a partir de uma perspectiva crítica e anticolonial. Essa perspectiva contribui para que os arquivos e os documentos atuem na promoção da justiça social, na reparação das injustiças, na responsabilização por práticas irregulares e preconceituosas, além de preservar e evidenciar as múltiplas identidades (Jimerson, 2007). Os estudos sobre arquivos comunitários começaram a despontar na área da Arquivologia na década de 1980, na América do Norte e no Reino Unido. Enquanto no sul global, é a partir dos anos 2000 que ganha articulação.

Os arquivos comunitários são definidos por Flinn; Stevens; Shepherd, (2009, p. 72, tradução nossa) como:

Coleções de materiais reunidos principalmente por membros de uma determinada comunidade e sobre cujo uso os membros da comunidade exercem algum nível de controle. Isso permite que as coleções sejam mantidas totalmente independente das instituições tradicionais de herança cultural [...] de fato, argumentamos que a característica definidora dos arquivos comunitários é a participação ativa de uma comunidade em documentar e tornar acessível a história de seu grupo particular e/ou localidade em seus próprios termos.

Essa definição pode confrontar alguns princípios basilares da Arquivologia, com destaque para o princípio da proveniência, segundo o qual “o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturados aos de outras entidades

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

produtoras” (Brasil, 2005, p. 136); o princípio da ordem original, que preconiza que “o arquivo deveria conservar o arranjo dado pela entidade coletiva, pessoa ou família que o produziu” (Brasil, 2005, p. 137); e o princípio da organicidade, que afirma que “[...] os arquivos espelham a estrutura, as funções e as atividades da entidade produtora/acumuladora em suas funções internas e externas” (Bellotto, 2006, p. 88), entre outros.

As estruturas convencionais dos arquivos públicos e privados, limitadas pelas funções das instituições ou indivíduos que os originam, contrastam com a natureza dos arquivos comunitários. Estes apresentam diferenças na terminologia, nas abordagens, e suas informações podem estar dispersas entre variadas estruturas setoriais, excluindo-as da “prática arquivística tradicional definida” (Ramsden, 2016, p. 6), dificultando a identificação de conteúdo e das necessidades informacionais diante dessa dispersão. Essa tensão com a Arquivologia tradicional reforça o pensamento e a lógica colonialista, pois perpetua as tradições e a memória do poder hegemônico.

Em contrapartida, para Nesmith (2006), a constituição dos arquivos comunitários pode ser compreendida como uma proveniência social, pois a ação da comunidade é uma forma de ordem original. Nesse sentido, Tognoli e Rocha (2021), afirmam que os conceitos como co-criação e múltipla proveniência são possíveis caminhos para reconfigurar a teoria e a prática na Arquivologia, em direção ao “ativismo arquivístico” (Evans *et al.*, 2015, p. 339), ao evocarem a participação das comunidades nas tomadas de decisão a partir de algumas funções arquivísticas como produção, avaliação e descrição.

Dessa forma, é no arquivo comunitário que a comunidade detentora assume o controle da narrativa, da produção, da organização, da descrição e da disseminação da informação, uma vez que são feitas por múltiplas pessoas. Valoriza-se, nesse contexto, a função transformadora dos arquivos comunitários ao desafiarem os modos dominantes da prática arquivística e ao evidenciarem uma dinâmica de cuidado e empatia (Caswell; Cifor, 2016). Nessa direção, para Alencar, Cervantes e Barité (2023, p. 63) “são expressões da dimensão pluralista e inclusiva focada em uma práxis arquivística crítica e decolonial, que denuncia opressões por meio de propostas e projetos visando pautar a temática da libertação/emancipação em âmbito dos registros e da memória, para grupos socialmente marginalizados”.

Nota-se, dessa maneira, a urgência de ampliar os estudos críticos arquivísticos e a

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

decolonialidade arquivística no contexto da América Latina, em especial do Brasil. Algumas iniciativas internacionais precisam ser fonte de inspiração para a ampliação do movimento ativista entre as pessoas arquivista, tais como: *Community Archives and Heritage Group (CAHG)* – Reino Unido, vinculado à *Archives and Records Association (ARA)*, que promove a troca de conhecimentos sobre arquivos comunitários e patrimônio cultural; a *Archives for Black Lives in Philadelphia (A4BLiP)* – Estados Unidos da América (EUA), focado em práticas antirracistas em arquivologia e memória comunitária negra; *South Asian American Digital Archive (SAADA)* – EUA, que preserva e estuda a história de comunidades sul-asiáticas nos EUA; na *University of California, Los Angeles (UCLA)* – EUA, o *UCLA Community Archives Lab* que investiga o papel dos arquivos comunitários na justiça social e a *University College London (UCL)* – Reino Unido /*Centre for Critical Heritage Studies* que se dedica a investigação de arquivos comunitários e descolonização.

Entre as iniciativas latino-americanas, identificou-se no Brasil: o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI – UFF), que desenvolve pesquisas sobre memória social e arquivos digitais comunitários, com foco em culturas afro-brasileiras e indígenas; o NEAB/UFSC Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Santa Catarina (NEAB/UFSC) – com o Projeto Arquivos Decoloniais, pesquisa arquivos de comunidades negras e quilombolas, questionando a colonialidade nos acervos oficiais; e o Grupo de Pesquisa em Informação, Resistência e Arquivos da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (GIRA – UFRJ/IBICT), que estuda arquivologia comunitária e epistemologias não-eurocêntricas. Nos demais países destacamos a *Red de Archivos Comunitarios de Oaxaca (México)*, que articula comunidades mixtecas e zapotecas na gestão de seus próprios acervos; o *Grupo Memoria y Decolonialidad (Universidad Javeriana - Colômbia)*, que analisa arquivos de comunidades negras e indígenas do Pacífico colombiano; *Archivo Feminista Decolonial (Universidad de Chile)*, que reúne documentos de feministas indígenas e migrantes; e a *Red Conceptualismos del Sur*, uma plataforma que conecta pesquisadores de arquivos anticoloniais e arte política na América Latina. Dentre tais iniciativas, a que deteve maior atenção durante a busca, foi a formalização do Grupo de Trabalho sobre Arquivos Comunitários (GTAC), na composição da Associação Latino-Americana de Arquivos (ALA), cuja aprovação ocorreu na Assembleia Geral

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

da Associação, ocorrida no mês de abril de 2024 na cidade de Montevideu, no Uruguai. O grupo conta com a participação do Arquivo Nacional do Brasil.

As iniciativas mapeadas demonstram ser promissoras para o fortalecimento e a consolidação de pesquisas decoloniais no campo da Arquivologia, por meio da potencialidade dos arquivos comunitários, indicando um movimento importante de valorização das memórias e saberes de comunidades historicamente marginalizadas. No entanto, ainda é necessário avançar, especialmente no Brasil, tanto na prática arquivística quanto na produção científica da área. Para que essa discussão se amplie e contribua para uma revisão teórico-prática voltada ao paradigma intercultural-anticolonial, é necessário um alinhamento entre os estudos da Ciência da Informação, da Arquivologia e das teorias críticas. Considerando a realidade social, política e cultural da América Latina, há um terreno fértil para que tais investigações possam destacar os saberes ancestrais, situados e originários deste território, rompendo com os paradigmas eurocentrados que ainda permeiam grande parte da produção acadêmica e das práticas institucionais em arquivos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo cumpriu seu objetivo ao discutir, sob uma perspectiva transdisciplinar, a relação entre o paradigma intercultural-anticolonial na Ciência da Informação e a Arquivologia crítica, no contexto dos arquivos comunitários. A articulação entre abordagens teóricas e práticas evidencia a urgência de um giro epistemológico voltado à superação das estruturas institucionais marcadas pela colonialidade, que marginalizaram saberes, práticas e sujeitos em espaços informacionais. Essa relação permite repensar as funções arquivísticas a partir das experiências de comunidades historicamente silenciadas, favorecendo práticas comprometidas com a justiça epistêmica, informacional e social.

Ao sular a reflexão tomando como base as epistemologias do Sul e as teorias críticas, o estudo colabora para ampliar o debate acadêmico sobre os arquivos comunitários enquanto espaços de resistência, cuidado e produção de narrativas outras. Ainda que os estudos críticos em Arquivologia sejam incipientes no Brasil, este trabalho reitera a importância de sua expansão, a partir da inserção de práticas decoloniais no fazer arquivístico, e reforça a necessidade de investigações que desestabilizem as estruturas hegemônicas de produção de conhecimento e representação arquivística.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Este estudo situa-se em uma fase inicial de investigação ancorada em uma perspectiva decolonial. Ao tomar os arquivos comunitários como ponto de partida, propõe-se também suscitar uma reflexão crítica sobre os modelos tradicionais de arquivos, considerando suas implicações sociais, políticas e epistemológicas. Espera-se que, ao avançar, o estudo contribua para tensionar as bases hegemônicas da área, ampliando o debate acadêmico e incentivando novas pesquisas direcionadas à análise crítica sobre a atuação de arquivistas na gestão dos arquivos e na produção de memórias e saberes plurais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maíra Fernandes; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; BARITÉ, Mário. O contexto do uso do termo arquivos comunitários a partir da vertente dos estudos críticos e decoloniais: uma análise terminológica pontual. **Páginas a&b**, [S. l.], v. 3, n. 19, p. 55-77, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag19a4>. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/13166/12143>. Acesso em: 06 mar. 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01-30, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958>. Acesso em: 02 abr. 2025.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRASIL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <https://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/01/Dicionario-de-terminologia-arquivistica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus. **MUSEUS**, [S. l.], v. 28, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2025.

CAMPOS, Marcio D’Olno. Editorial. **Revista Interdisciplinar Sulear**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4139>. Acesso em: 05 maio. 2025.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG/Ancib, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 26 mar. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005, 339 p. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/carneiro-sueli-tesepdf/251848294>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CASWELL, Michelle; CIFOR, Marika. From human rights to feminist ethics: radical empathy in the archives. **Archivaria**, [S. l.], v. 81, p. 23-43, 2016. Disponível em: <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/13557>. Acesso em: 09 abr. 2025.

CASWELL, Michelle; PUNZALAN, Ricardo; SANGWAND, T-Kay. Critical archival studies: an introduction. **Journal of Critical Library and Information Studies**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://journals.litwinbooks.com/index.php/jclis/article/view/50/30>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DUQUE-CARDONA, Natalia. ¿Ciencia de la Información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario. In: DUQUE-CARDONA, Natali; GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. (org.). **Epistemologias latino-americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha, 2020, p. 45-71. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358128912_Epistemologias_Latino-Americanas_na_Biblioteconomia_e_Ciencia_da_Informacao_Contribuicoes_da_Colombia_e_do_Brasil. Acesso em: 03 abr. 2025.

DUQUE-CARDONA, Natalia; FERNÁNDEZ, María Camila Restrepo. Paradigma intercultural para as ciências da informação: uma proposta de Abya-Yala. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Ancib/UFES, 2024. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2119>. Acesso em: 02 abr. 2025.

EVANS, Joanne; MCKEMMISH, Sue; DANIELS, Elizabeth; MCCARTHY, Gavan. Self-determination and archival autonomy: advocating activism. **Archival Science**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 337-368, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-015-9244-6>. Acesso em: 09 abr. 2025.

FLINN, Andrew; STEVENS, Mary; SHEPHERD, Elizabeth. Whose memories, whose archives? independent community archives, autonomy and the mainstream. **Archival Science**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 71-86, 2009. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-009-9105-2>. Acesso em: 12 abr. 2025.

GARCEZ, Dirnele Carneiro; SALES, Rodrigo. Decolonizando a organização do conhecimento: um olhar do periódico Knowledge Organization (2000-2020). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 14, p. 1-21, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/195017>. Acesso em: 02 abr. 2025.

HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica**: ensaios selecionados. Nova York: Continuum, 1982.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

JIMERSON, Randall C. Archives for all: professional responsibility and social justice. **The American Archivist**, [S. l.], v. 70, n. 2, p.252-281, 2007. Disponível em: [https://americanarchivist.org/doi/abs/10.17723/aarc.70.2.5n20760751v643m7?=-](https://americanarchivist.org/doi/abs/10.17723/aarc.70.2.5n20760751v643m7?=). Acesso em: 09 abr. 2025.

NESMITH, Tom. The concept of societal provenance and records of nineteenth-century aboriginal–european relations in western canada: implications for archival theory and practice. **Archival Science**, [S. l.], v. 6, n. 3-4, p. 351–360, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-007-9043-9>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A Organização do Conhecimento e a filosofia do pluralismo religioso no contexto das religiões de matrizes africanas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Ancib/UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1374>. Acesso em: 16 mar. 2025.

PINTO JUNIOR, Abraão Muniz; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Estudos de gênero na Ciência da Informação com foco na comunidade LGBTQIAPN+. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Sergipe: Ancib/UFS, 2023. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/258103>. Acesso em: 02 mar. 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Abya Yala**. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2021/09/ABYA-YALA.pdf>. Acesso em: 02 maio 2025.

RAMSDEN, Sarah. **Defining ‘community’ in models of community archives**: navigating the politics of representation as archival professionals. 2016. 139 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Faculty of Graduate Studies, University of Manitoba. Disponível em: <https://mspace.lib.umanitoba.ca/server/api/core/bitstreams/189ce00f-61f8-4506-94f4-dbd7caee597/content>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TOGNOLI, Natalia Bolfarini; ROCHA, Gustavo Maçulo de Queiróz. A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura. **Ágora**: Arquivologia em Debate, [S. l.], v. 31, n. 63, p.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

1-23, 2021. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/987>. Acesso em: 3 abr. 2025.